

CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO CAMILO
Curso de Pedagogia

Thiago Bomfim dos Santos

**Docência sem adoecimento: o que é preciso para melhorar a saúde mental dos
professores?**

São Paulo
2023

Thiago Bomfim dos Santos

Docência sem adoecimento: o que é preciso para melhorar a saúde mental dos professores?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia do Centro Universitário São Camilo, orientado pela Profa. Dra. Wanusa Rodrigues da Silva, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

São Paulo

2023

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Pe. Inocente Radrizzani

Santos, Thiago Bomfim dos

Docência sem adoecimento: o que é preciso para melhorar a saúde mental dos professores / Thiago Bomfim dos Santos. -- São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2023.
36 p.

Orientação de Wanusa Rodrigues da Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia (Graduação),
Centro Universitário São Camilo, 2023.

1. Condições de trabalho 2. Docentes 3. Estresse 4. Políticas públicas 5. Saúde mental I. Silva, Wanusa Rodrigues da II. Centro Universitário São Camilo III. Título

CDD: 371.1

DEDICATÓRIA

À minha família e aos meus companheiros da docência.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os docentes que estiveram na minha trajetória desde o convênio da UNICEU com o Centro Universitário São Camilo, aos meus amigos que sempre me deram um empurrãozinho para que eu desse prosseguimento à Licenciatura em Pedagogia. Sou grato aos meus pais que sempre me ajudaram com amparo emocional e financeiro quando precisei. Agradeço a todas as tutoras e tutores do curso, em especial à professora Wanusa e ao Denizart, que sempre foram compreensivos e profissionais em todo o percurso deste trabalho. Agradeço ao meu terapeuta Gabriel por colocar meu pé no chão tantas vezes e por me mostrar o que eu precisava priorizar. Agradeço ao meu companheiro Matheus por me aguentar por horas em frente ao computador.

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (FREIRE, 2004, p. 142).

RESUMO

SANTOS, Thiago. **Docência sem adoecimento: o que é preciso para melhor a saúde mental dos professores**. 2023. 36 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Centro Universitário São Camilo, São Paulo, 2023.

Este trabalho de conclusão analisou uma série de artigos relacionados à saúde dos professores publicados entre 2018 e 2022, buscando compreender os desafios enfrentados por esses profissionais e as possíveis abordagens para melhorar suas condições de trabalho. A revisão dos artigos revelou que fatores como baixos salários, falta de apoio institucional, sobrecarga horária, falta de recursos e infraestrutura, além da ausência de reconhecimento social, contribuem para o adoecimento dos professores. As ações de mitigação destacadas incluem programas de intervenção, debates e seminários que visam promover a conscientização e a valorização da saúde mental dos professores, bem como a necessidade de implementação de políticas públicas abrangentes que abordem essas questões. Em suma, é fundamental reconhecer a importância da saúde dos professores e adotar medidas efetivas para garantir condições de trabalho saudáveis e promover seu bem-estar.

Palavras-chave: Saúde dos professores. Condições de trabalho. Estresse. Políticas Públicas. Docência.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO08

CONDIÇÕES DE TRABALHO, PESQUISAS DO CAMPO E INTERVENÇÕES..13

RESULTADOS E DISCUSSÕES27

CONSIDERAÇÕES FINAIS32

REFERÊNCIAS.....34

INTRODUÇÃO

A saúde mental dos docentes é tema recorrente de reportagens¹ na mídia nacional e de pesquisas acadêmicas nas áreas da Pedagogia². Ao se buscar as palavras-chave “profissões mais estressantes” na ferramenta Google Acadêmico, os primeiros resultados mencionam artigos sobre professores e enfermeiros. Em buscas comuns na internet, *rankings* também apontam a docência como uma das principais profissões causadoras de estresse.

Em estudo feito por Tostes et al. (2018, p. 87-89) com 1021 professores do ensino do público no Paraná no ano de 2015, publicado em 2018, concluiu-se

29,73% dos professores relataram alguma forma de adoecimento mental, como depressão, ansiedade e estresse, entre outros; em segundo lugar, apareceram as doenças osteomusculares, como tendinites e lombalgias, com 23,98%. Doenças otorrinolaringológicas estiveram presentes em 10,07% dos docentes.

Conforme esta mesma pesquisa, encontrou-se sintomas depressivos em 44,04% dos professores, dentre os quais “25,06% apresentavam depressão leve (disforia) e 18,98%, depressão moderada ou grave” (TOSTES *et al.*, 2018, p. 87-89).

Em outra pesquisa de Moreira e Rodrigues (2018) que abordava o motivo de ausências de professores em um município da Região Metropolitana de Porto Alegre, a conclusão foi a de que as principais razões de licenças médicas remetiam a Transtornos Mentais e Comportamentais.

Não é incomum professores serem diagnosticados com a Síndrome de *Burnout*, que segundo Neubauer et al. (1999, apud REINHOLD, 2004, p.11),

[...] constitui “um estado de fadiga ou frustração causado pela devoção a uma causa, um estilo de vida, ou por um relacionamento que deixou de produzir a recompensa esperada” (Neubauer et al., 1999). Assim, *burnout* não resulta necessariamente de trabalho excessivo, mas de uma lacuna entre esforço e recompensa.

¹Carranço (2022), Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (2022), Correia (2023), Garcia (2022), Lyra (2022)

²Araújo (2019); Dalcin, L., & Carlotto, M. S. (2018); de Almeida Trindade, M., Morcerf, C. C. P., & de Oliveira, M. S. (2018); Lima, T. C. S. D., & Mito, R. C. T. (2007); Luz, J. G. D., Pessa, S. L. R., Luz, R. P. D., & Schenatto, F. J. A. (2019); Soares, S. P. D. (2021); Silva, N. R., Bolsoni-silva, A. T., & Loureiro, S. R. (2018); Tostes, M. V., Albuquerque, G. S. C. D., Silva, M. J. D. S., & Petterle, R. R. (2018)

Pensando a justificada importância temática do problema da saúde mental na docência, este estudo para o Trabalho de Conclusão de Curso da Pedagogia no Centro Universitário São Camilo buscará, a partir de revisão bibliográfica que segundo Minayo (1994), é essencialmente histórica, de consciência histórica, com apresentação de uma identidade de sujeito, intrínseca e extrinsecamente ideológica, e necessariamente qualitativa, mesmo sem excluir dados quantitativos – compreender quais os problemas que algumas pesquisas nesse campo estão apresentando, especialmente no Brasil. O recorte temporal dos documentos, que serão pesquisados proeminentemente em meios eletrônicos, será para os que foram publicados a partir do ano de 2018 e até o ano de 2022. A ênfase do estudo estará especialmente nas estratégias de manejo e prevenção do estresse para os trabalhadores da área da educação como principal recorte temático.

Objetivo Geral

Este estudo buscará compreender quais são os caminhos apresentados, em artigos científicos, para enfrentar os problemas de saúde mental na docência. Elencar quais são as estratégias mais comuns de mitigação do sofrimento docente que aparecem nos textos sobre esta temática. Assim, serão enfáticas no texto desta pesquisa, as possíveis estratégias para o cuidado da saúde psicológica dos professores.

Objetivos Específicos

O estudo começa a partir da busca em documentos disponíveis em meio eletrônico – monografias, reportagens, artigos científicos etc. – elencando quais são os principais trabalhos publicados no intervalo selecionado, sobre distúrbios que afetam a saúde docente e, no caso deste texto, especialmente a mental.

Como uma forma de organizar este estudo no tempo previsto e com os materiais disponíveis para sua conclusão, será feita uma limitação na busca dos textos que deverão datar a partir do ano de 2018 até 2023, ano previsto para a conclusão dessa pesquisa. Dados de pesquisas quantitativas e estudos qualitativos são o embrião que darão o panorama buscado nesse trabalho.

A metodologia adotada neste trabalho de conclusão de curso será a pesquisa e revisão bibliográfica. Tal escolha se deve, especialmente, à complexidade que

outros métodos de pesquisa podem oferecer ao ter de lidar com questões burocráticas e mais complexas como os comitês de ética. Outra razão reside no tempo disponível que é limitado para a formação em curso. Além disso, para os objetivos do trabalho em curso, a pesquisa bibliográfica se mostra como uma solução viável para que se estude um tema que toca outras áreas como a da psicologia e sociologia que não são do domínio do escritor desse texto.

Segundo Lima (2007, p. 38), “a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório”. Minayo (1994, p.23) define a ideia de pesquisa como “uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente”. Nesse sentido, este texto entende suas limitações temporais e de conteúdo e por isso busca um recorte específico aqui definido temporalmente ao se buscar artigos datados a partir de 2018 e limitados até o ano de 2022. Compreende-se também a limitação temática pois o debate da saúde mental na docência é amplamente pesquisado por estudiosos especializados. Assim, esta escrita visará apenas buscar o que estes trabalhos têm dito acerca de boas práticas para sanar ou mitigar o sofrimento psíquico causado pela carreira do magistério.

Outra razão da escolha do método em questão está no fato de que a

[...] pesquisa bibliográfica possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto (GIL, 2008 apud LIMA; MIOTO, 2007, p. 40).

Alguns textos já selecionados estão listados seguir. Foi feita uma leitura seletiva que, conforme Lima e Miotto (2007, p. 41), é um processo que “procura determinar o material que de fato interessa, relacionando-o diretamente aos objetivos da pesquisa. Momento de seleção das informações e/ou dados pertinentes e relevantes, quando são identificadas e descartadas as informações e/ou dados secundários”.

Os textos foram pesquisados em meio eletrônico utilizando as ferramentas Google Acadêmico e Scielo. As palavras-chave usadas foram “saúde mental professores”. Os textos foram selecionados de acordo com a relevância baseada no critério de citações e/ou de ordem de listagem nos resultados da busca. Também foi feito um filtro temporal para artigos datados a partir do ano de 2018 até o ano de 2022.

Há também o recorte preferencial para textos que tratem da docência na educação básica, embora existam textos que tratem também de aspectos da educação superior. Todos os textos pesquisados serão em língua portuguesa e disponíveis gratuitamente na internet.

Apesar de reconhecer a importância do debate sobre a saúde mental durante e após a pandemia de COVID-19, presente nos muitos textos recentes, optou-se por excluir os textos que fossem específicos dessa temática. A razão disso é entender que a pandemia e os seus múltiplos desdobramentos (isolamento, trabalho remoto, paralisação dos planos de carreira etc.) são agravantes dos problemas da saúde mental dos professores que existiam antes e continuam a existir mesmo depois do controle da contaminação. Esta escolha pode sacrificar um aspecto de atualidade do trabalho, mas ajuda a direcioná-lo a um quadro generalizado aqui desejado.

Os principais estudos, dos mais de 302 mil documentos exibidos na busca, selecionados na ferramenta Google Acadêmico, em suas primeiras quatro páginas de resultado estão listados a seguir.

O artigo *Avaliação de efeito de uma intervenção para a Síndrome de Burnout em professores* – (DALCIN; CARLOTTO, 2018) avaliou o efeito de uma intervenção para Síndrome de Burnout em professores na região metropolitana de Porto Alegre.

No estudo *Níveis de ansiedade e depressão entre professores do Ensino Infantil e Fundamental* – (FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2019, p. 1) os pesquisadores propõem “verificar o nível de ansiedade e de depressão dos professores e a sua possível associação com o grau de satisfação no trabalho e os fatores factuais, como idade, escolaridade e religiosidade”.

Na pesquisa *Trabalho e saúde de professoras e professores no Brasil: reflexões sobre trajetórias das investigações, avanços e desafios* – os pesquisadores visam

descrever trajetórias iniciais das investigações de saúde do/a professor/a no contexto brasileiro; discutir elementos que consolidaram consenso com relação à caracterização do trabalho e os principais problemas de saúde neste grupo; e sistematizar seus principais avanços e desafios. (ARAÚJO; PINHO; MASSON, 2019, p. 1)

No artigo *Saúde mental do professor: uma revisão de literatura com relato de experiência* – (DE ALMEIDA TRINDADE; MORCERF; DE OLIVEIRA, 2018, p.42), os autores enunciam que o

objetivo deste trabalho é debater sobre a importância de ações de prevenção e promoção da saúde mental do professor, com foco nos fatores de risco e suas influências para o desencadeamento de transtornos mentais entre docentes de Alagoas.

O trabalho *Implicações do ambiente, condições e organização do trabalho na saúde do professor: uma revisão sistemática* – (LUZ et al., 2019, p. 4621) - os autores anunciam que “o objetivo do estudo foi identificar os principais fatores psicossociais, estruturais e relacionais na profissão docente”. Na versão final deste trabalho foi descartado como fonte de análise para priorizar outros textos no tempo disponível.

O trabalho *Sofrimento mental de professores do ensino público* – (TOSTES et al., 2018) aborda o sofrimento mental a partir de questionário com 1021 professores do ensino público do Paraná, mas também foi descartado como fonte de revisão bibliográfica, embora forneça embasamento para esta pesquisa, por decisão conjunta de orientando e orientador para que se pudesse priorizar a análise detalhada de um número mais restrito de fontes no tempo que tínhamos à disposição.

CONDIÇÕES DE TRABALHO, PESQUISAS DO CAMPO E INTERVENÇÕES

O primeiro artigo lido foi *Avaliação de efeito de uma intervenção para a Síndrome de Burnout em professores* de autoria de Larissa Dalcin e Mary Sandra Carlotto, publicado no ano de 2018 na revista *Psicologia Escolar e Educacional*. O artigo aborda uma pesquisa feita para avaliação de uma intervenção para a Síndrome de Burnout, com 20 professoras da rede pública municipal da região metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

O texto em sua introdução traz uma breve definição para o diagnóstico da Síndrome de Burnout, destacando que este tema é um dos mais investigados na área da Psicologia da Saúde Ocupacional. A partir das perspectivas de Gil-Monte (2005), citado por Dalcin e Carlotto (2018, p. 142), a Síndrome de Burnout (SB) tem, resumidamente, quatro dimensões:

- 1) Ilusão pelo trabalho, que traduz o desejo do indivíduo de atingir suas metas de trabalho, assim, fazendo da atividade uma fonte de realização pessoal;
- 2) Desgaste psíquico, que se refere ao esgotamento físico e emocional ocasionado por ter de lidar diariamente com pessoas que apresentem ou, ainda, que causem problemas;
- 3) Indolência, caracterizada por atitudes negativas e distanciamento para com seus clientes, demonstrando insensibilidade perante os problemas aos quais necessita atender;
- 4) Culpa, caracterizada pelo surgimento de sentimentos de culpabilização que a pessoa desenvolve por manifestar atitudes e comportamentos não condizentes com as normas internas e cobranças sociais do seu papel profissional.

O texto continua explicando os motivos pelos quais a SB é recorrente na docência, enumerando os diversos motivos, que vão desde o desinteresse dos discentes, desvalorização da carreira, à falta de infraestrutura dentre outros. Nesta mesma introdução as autoras mencionam o fato de que, recentemente, passou a figurar nos trabalhos sobre a SB a proposição de ações para aplicar aos profissionais em seus contextos de trabalho (LEITER & MASLACH, 2014, apud DALCIN; CARLOTTO, 2018). No contexto deste Trabalho de Conclusão de Curso este artigo se classifica como uma importante fonte desta pesquisa, uma vez que vai ao encontro do objetivo de enfatizar as ações de intervenção e mitigação do sofrimento da docência.

Destaco neste trabalho a menção das estratégias de *coping*, que são definidas como um esforço cognitivo e comportamental utilizado para diminuir ou tolerar as demandas advindas dos meios interno ou externo (CHRISTOFOLETTI, TRELHA, GALERA, & FERACIN, 2007; RODRIGUES, 2006 apud DALCIN; CARLOTTO, 2018). As estratégias de *coping* mais utilizadas por professores, segundo o estudo, são “em primeiro lugar, estratégias focalizadas no problema, seguidas de estratégias de evitação e, por último, estratégias referentes à emoção” (CAPELO, 2010; POCINHO & CAPELO, 2009; QUIRINO, 2007 apud CARLOTTO E DALCIN, 2018). A metodologia de estudo no artigo de Dalcin e Carlotto (2018) foi o estudo pré-experimental que não utiliza grupos de controle. O artigo a seguir, delineia o perfil dos professores que participaram do estudo. Na sessão seguinte são enumerados os instrumentos utilizados para descrição da amostra.

Adiante o texto detalha a intervenção que foi realizada e suas respectivas dinâmicas que incluíam 6 encontros presenciais com 2 horas de duração conduzidos por Carlotto e algumas intervenções à distância com materiais compartilhados via e-mail.

No artigo de Dalcin e Carlotto (2018) foram enumeradas as estratégias de cada sessão. Aqui elas serão listadas sem mencionar exatamente a sequência e duração de cada intervenção. A exposição teórica esteve presente em quase todos os encontros, sendo parte de um procedimento introdutório. Também foram mencionadas atividades práticas para reconhecimento de estressores, estressores laborais, estratégias de problemas, construção de problemas, brainstorming. As tarefas de casa foram listadas com títulos: “Escreva sua própria narrativa de trabalho”, “Adaptar as estratégias saudáveis no seu dia a dia”, “O que tem no seu relógio?”, “Prática de lazer”. O estudo foi concluído com um teste e um encerramento.

Os participantes desse estudo de foi um total de 20 professoras que atuam em uma escola pública de ensino fundamental na região metropolitana de Porto Alegre/RS (DALCIN E CARLOTO, 2018, p.143). Para a pesquisa denominada de estudo pré-experimental, segundo as autoras nesta mesma página, foram acionados os instrumentos autoaplicáveis enumerados a seguir.

O primeiro instrumento foi o “Questionário de dados sociodemográficos” que incluía perguntas sobre o sexo, estado civil, idade, situação conjugal e filhos das participantes. O segundo instrumento foi o “Questionário para avaliação da Síndrome

de Burnout – “Questionário de *Quemarse por el Trabajo*” -CESQT-PE (GIL MONTE, 2005 apud CARLOTTO E DALCIN, 2018). O terceiro e quarto instrumento foram o “*COPE Inventory* – Inventário para a avaliação das estratégias de *Coping*” – de Carver, Sheier e Weintraub (1989, apud DALCIN e CARLOTTO, 2018) e “Escala de Interação Trabalho-Família – *Survey Work-Home Interaction*” – Nijmegen (SWING) de Geurts et al (2005, apud DALCIN e CARLOTTO, 2018). Por fim, foi mencionado o instrumento “Escala de Emoções no Trabalho” – Brotheridge e Lee (2003, apud DALCIN e CARLOTTO, 2018). Cada instrumento possui itens específicos de avaliação/autoavaliação. Apesar de serem importantes para delimitar os procedimentos adotados, optou-se por, nesse trabalho de conclusão de curso, não os detalhar pois o foco do texto está em enumerar os resultados positivos que promovam o bem-estar dos docentes e não explicitar cada etapa da intervenção realizada por Carlotto e Dalcin (2018).

A intervenção foi realizada a cada mês, com encontros de 2 horas em um total de 12 horas em um espaço de sala de aula cedido pela escola (CARLOTTO e DALCIN, 2018).

Sobre o resultado da intervenção, as autoras relatam que a “ilusão pelo trabalho foi a dimensão de Burnout que apresentou resultado significativo quando avaliada a diferença entre os dois tempos” (CARLOTTO e DALCIN, 2018, p. 145). O “*coping* focalizado no problema foi a única dimensão que obteve resultado estatisticamente significativo, quando comparados os tempos 1 e 2³”. As autoras observam que os “resultados obtidos sobre as emoções no trabalho demonstram que a variabilidade de emoções no trabalho apresentou escore estatisticamente significativo” (CARLOTTO e DALCIN, 2018, p. 145).

No que se refere aos índices de Burnout nos critérios de Desgaste Psíquico, Indolência e Culpa entre as docentes participantes, as pesquisadoras não perceberam diferenças significativas no pós-intervenção, reiterando-se

o risco psicossocial aos qual esses profissionais estão expostos no seu contexto laboral e que não pode ser modificado por meio da intervenção. Apesar de intervenção ter sido realizada em nível individual, pode-se pensar na presença de estressores contextuais, pouco manejáveis pelo professor, como baixos salários, inexpressiva participação nas políticas e planejamento institucional (MELO, REGO,

³ Os tempos 1 e 2 se referem ao antes e depois da intervenção realizada no estudo, sendo o tempo 1 antes e o 2 após o estudo.

SALDANHA, OLIVEIRA, & MARACAÇA, 2015 apud CARLOTTO e DALCIN, 2018).

Ainda sobre o *coping*, as autoras notaram que

a intervenção aumenta o índice de estratégias de *coping* com foco no problema e diminui as estratégias de *coping* com foco na emoção e *coping* de evitação pós-intervenção, considerando que somente o *coping* focado no problema apresentou índices significativamente mais elevados pós-intervenção (CARLOTTO e DALCIN, 2018, p.147).

Para as autoras este resultado é importante pois “indivíduos que utilizam com maior frequência estratégias centradas no problema possuem maior capacidade de prevenir o Burnout (CARMONA, BUUNK, PEIRÓ, RODRÍGUEZ, & BRAVO, 2006; GIL-MONTE, 2005 apud CARLOTTO e DALCIN, 2018).

As pesquisadoras também pontuam que após a intervenção “os professores passaram a utilizar maior diversidade de expressões emocionais no contexto do seu trabalho, possivelmente, em relação aos alunos” (CARLOTTO e DALCIN, 2018, p. 147).

De modo sumário, as autoras concluem que a intervenção teve impacto pois,

os professores aumentaram o desejo de alcançar suas metas e avaliar seu trabalho como fonte de realização, passaram a experimentar novas formas de lidar com os estressores, buscando soluções focalizadas no problema, e começaram a utilizar maior diversidade de emoções positivas no trabalho (CARLOTTO e DALCIN, 2018, p. 147).

Outro texto analisado para este trabalho de conclusão de curso foi o artigo *Níveis de ansiedade e depressão entre professores de Ensino Infantil e Fundamental* (FERREIRA-COSTA, R. Q.; PEDRO-SILVA, 2019). O artigo publicado no periódico Pro-posições aborda os níveis de ansiedade e depressão entre professores que ministram aulas no Ensino Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Os autores iniciam o texto enumerando pesquisas realizadas por organizações como o Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp) em 2010 e pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) no ano de 2002. Os levantamentos dessas agremiações sindicais indicam que uma parcela considerável de professores apresentava comprometimentos em sua

saúde mental, com menções a casos de depressão, ansiedade e Síndrome de Burnout.

Mais adiante o texto enumera outros estudos específicos que abordaram temas como motivos médicos de afastamento de professores. Menciona-se a pesquisa sobre incidência de transtornos mentais e físicos de Gasparini, Barreto e Assunção (apud FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2019, p. 3) que analisou “estudos realizados em outros países (por exemplo, os de Pithers e Fogarty (1995)), que apontaram a incidência maior de doenças mentais entre professores do que a verificada na média geral da população”.

Um aspecto importante que destacamos no texto fala do adoecimento dos professores no processo de ensino-aprendizagem e a correlação entre este adoecimento e a experiência da escola. Segundo Ferreira-Costa e Pedro-Silva (2019, p. 4),

com o adoecimento do docente, a escola como um todo adoeece, e sua função social acaba não se concretizando – a formação de cidadãos –, para se viver num regime democrático. Assim, é imprescindível a realização de mais estudos que auxiliem na superação do quadro de adoecimento dos educadores.

Os autores apresentam uma visão abrangente de diversos estudos e nos alerta sobre a escassez de pesquisas nesse campo. Eles concluem, a partir de levantamento feito nas bases Cathedra (Unesp), SIBi (USP) e SBU (Unicamp) em busca de pesquisas desenvolvidas entre 2011 e 2015, que “há pouca literatura sobre o assunto no Brasil”.

O artigo menciona outros pesquisadores que destacam a importância de compreender e abordar a saúde mental dos professores para garantir um ambiente de trabalho saudável e promover o processo de ensino-aprendizagem de forma eficaz.

Carraro (apud FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2019, p. 4), ao pesquisar em 2015 um grupo de 374 professores da rede de Ensino Básico de Bauru (SP), observou a prevalência de transtorno mental em 36% dos docentes. Este mesmo levantamento aponta caminhos tendo em vista que “uma das estratégias para promoção de saúde está na diminuição da sobrecarga de atividades e na maior autonomia dos professores quanto à elaboração de estratégias para consecução do ato educativo” (CARRARO apud FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2019, p. 4).

Já o estudo de Costa, Gil-Monte, Possobon e Ambrosano (apud FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2019, p. 5) sugere “a necessidade de se criarem políticas públicas visando ao seu enfrentamento, pois é uma doença que afeta tanto a saúde mental quanto a física de quem a possui”.

O trabalho de Brum et al. (apud FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2019, p. 6) que analisou indicadores físicos e mentais de professores de Ciências de uma escola pública do Rio Grande do Sul concluiu que há falta de apoio institucional e políticas públicas para ajudar professores no cuidado da saúde.

Valle (apud FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2019, p. 6) em pesquisa sobre a saúde mental de 165 professores em Poços de Caldas (MG) apontou incidências de stress em 60% da amostra, indicando caminhos de estratégias individuais para a resolução de problemas que contraria a visão da maioria dos textos que selecionei para este levantamento que indicam soluções coletivas.

Outro estudo que aponta caminhos para mitigação do problema tratado neste trabalho de conclusão de curso é o de Pereira et al. (apud FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2019, p. 7). Este estudo analisou características laborais e o *stress* relacionado ao trabalho de 349 docentes na Educação Básica de Florianópolis (SC). A conclusão do estudo foi a de que a carga horária é o grande fator de esgotamento mental e que professores com mais tempo de carreira tendem a ter maior comprometimento da saúde mental. A pesquisa sugere “a diminuição da referida carga e a elaboração de estratégias de promoção à saúde para aqueles que já exercem o magistério há muito tempo.”

Macaia e Fisher (apud FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2019, p. 8) analisou o retorno de forma de 20 professores afastados das suas atividades após licença médica por transtornos da mente e comportamentais e, através de entrevistas diagnosticaram episódios de depressão, ansiedade, de adaptação e reações graves ao *stress*. Esta pesquisa conclui que “a readaptação é um processo do qual todos os atores devem participar, visando ao fortalecimento psíquico do professor”.

Souza e Costa (apud FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2019, p. 9) pesquisou a questão entre professores de Educação Física de escolas públicas de Campo Grande (MS). Este estudo explicita que

as mulheres, as que tinham filhos, mais tempo de serviço na docência e de idade, possuíam pior capacidade funcional. Verificaram, ainda, que o estado geral de saúde denotava melhores níveis onde a escola possuía quadra poliesportiva. Nas conclusões, afirmaram que um dos fatores contribuintes à satisfação profissional se relaciona ao oferecimento de infraestrutura adequada para a prática docente (FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2019, p. 9).

O trabalho de Coelho (apud FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2019, p. 10) foi feito na Escola Básica e Secundária de Ourém em Portugal para verificar a saúde mental dos docentes da instituição. Como caminho de melhoria o autor afirma que

após a intervenção [feita pelo próprio pesquisador de maneira experimental], ocorreram melhoras estatisticamente significativas nos níveis relacionados à autoconsciência e à gestão de emoções (pessoal e em grupo). Os dados permitiram concluir que qualificar os professores no campo das competências emocionais possibilitou a produção de mais recursos internos para lidar com as exigências da profissão (FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2019, p. 10).

A pesquisa de Ferreira-Costa e Pedro-Silva (2019) teve a participação de 105 professoras concursadas, com idades entre 21 e 60 anos, que lecionavam no Ensino Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em uma cidade do Vale do Paraíba, em São Paulo. Essas professoras apresentavam características semelhantes às dos professores brasileiros pesquisados em um estudo coordenado pela Unesco em 2004 (FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2019, p. 13).

Os instrumentos utilizados para coletar dados foram as escalas Beck Depression Inventory (BDI) e Beck Anxiety Inventory (BAI), adaptadas para a realidade brasileira. A BDI é um questionário de autorrelato com 21 itens relacionados à visão que a pessoa tem sobre si mesma, indicando a intensidade dos sintomas depressivos. A BAI também é um questionário de autorrelato, também com 21 itens, relacionados à ansiedade, como irritabilidade, impaciência e dores no corpo. Ambas as escalas classificam os resultados em quatro níveis: mínimo, leve, moderado e grave, com base na intensidade dos sintomas (FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2019, p. 13).

O procedimento de coleta de dados incluiu a obtenção de autorização do Secretário da Educação do município, contato com as escolas e explicação dos objetivos da pesquisa às professoras que concordaram em participar. As professoras responderam aos questionários e assinalaram a intensidade dos sintomas descritos

nas escalas durante a semana anterior à aplicação dos instrumentos. (FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2019, p. 14).

Em suma, o estudo de Ferreira-Costa e Pedro-Silva (2019, p. 16) observou que 41,9% dos participantes apresentaram níveis "leve", "moderado" e "grave de ansiedade", estado que é considerado prejudicial à ação educativa e compromete a qualidade de vida dos professores em outras esferas sociais.

No caso de depressão, a porcentagem para os níveis "leve" e "moderado" foi de 30,5% e ao somar a ansiedade e a depressão em conjunto, cerca de 50,0% dos professores participantes revelaram sintomatologia que indica adoecimento mental (FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2019, p. 16).

Os autores mediram aspectos relacionados à satisfação no trabalho. A maior insatisfação reside em aspectos como salário, interesse dos pais, materiais oferecidos pela escola, interesse dos alunos e aspectos estruturais das salas de aula. Outra fonte de insatisfação é a relação vertical com a gestão, a falta de diálogo e a falta de companheirismo entre os colegas (FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2019, p. 17).

A pesquisa de Ferreira-Costa e Pedro-Silva (2019, p. 24) revela a urgência de criação de políticas educacionais que melhorem a saúde mental dos educadores por meio de medidas como a oferta de atendimento psicológico aos profissionais. Os autores apontam que a sociedade vê os professores como indivíduos que não enfrentam questões psíquicas. Também é preciso considerar na equação as rápidas e constantes mudanças dos tempos atuais e a necessidade de condições adequadas para o desenvolvimento da carreira docente.

Ressalta-se também, de forma crítica, que os autores evidenciam soluções meritocráticas que vão de encontro a outros estudos selecionados neste trabalho de conclusão de curso, como a seleção de docentes a partir de critérios relacionados às condições psíquicas e "vocacionais", uma vez que o exercício da profissão docente exige um alto grau de tolerância e resiliência. Neste sentido, Ferreira-Costa e Pedro-Silva (2019, p. 24) individualizam a questão como sendo algo de natureza pessoal e não fruto de questões complexas que vão de infraestrutura a expectativas sociais que foram evidenciadas ao longo de seu texto.

Outra fonte selecionada para este estudo foi o artigo *Trabalho e saúde de professoras e professores no Brasil: reflexões sobre trajetórias das investigações, avanços e desafios* que tinha o objetivo de

descrever trajetórias iniciais das investigações de saúde do/a professor/a no contexto brasileiro; discutir elementos que consolidaram consenso com relação à caracterização do trabalho e os principais problemas de saúde neste grupo; e sistematizar seus principais avanços e desafios. (ARAÚJO; PINHO; MASSON, 2019, p. 1)

Os autores explicitam que entendem “as relações entre saúde e trabalho como eventos determinados por processos de trabalho específicos que, por sua vez, estruturam-se com base em dinâmicas definidas por tensões sociais contínuas entre interesses sociais antagônicos” (MINAYO-GOMEZ, THEDIM-COSTA, 1997 apud ARAÚJO; PINHO; MASSON, 2019, p. 2).

Segundo os autores, os trabalhos sobre a questão da saúde de professores florescem na década dos anos de 1990 em vários grupos de estudos, especialmente em universidades públicas que eram unificados pelo

foco na busca de visibilidade aos problemas que afetavam a saúde de professores/as, ancorados, predominantemente, na perspectiva do campo de saúde do/a trabalhador/a; constituíram iniciativas voltadas à identificação dos principais problemas enfrentados; (b) estreita relação com as representações sindicais em âmbito nacional ou local, destacando os/as professores/as como protagonistas - embora isto não tenha o mesmo grau de incorporação nos estudos realizados, era parte constituinte dos processos investigativos; (c) caráter propositivo, adquirindo contornos específicos quando comparados a outras iniciativas, mesmo em saúde do/a trabalhador/a: as pesquisas sustentavam-se na perspectiva de ancoragem para ações de defesa da saúde em acordos coletivos de trabalho, políticas públicas de proteção à saúde ou programas governamentais de atenção à saúde docente. Assumiam, assim, a expectativa de serem produções imediatamente incorporadas a intervenções. (ARAÚJO; PINHO; MASSON, 2019, 2019, p. 2).

O caráter propositivo presente no item “c”, conforme levantamento do artigo em questão, emerge especialmente pela atuação da luta sindical que, até então focava-se nas questões referentes às campanhas salariais, agora voltava-se para a questão do adoecimento docente. Este movimento produz uma série de estudos financiados no ano de 1996 pela Confederação Nacional de Trabalhadores da Educação (CNTE) e outro financiado pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em

Estabelecimentos de Ensino (CONTEE), dentre outros levantamentos ligados às associações sindicais. A autora destaca a abrangência do estudo da CNTE que alcançou 52 mil trabalhadores e trabalhadoras em um total de 1.440 escolas públicas (ARAÚJO; PINHO; MASSON, 2019, p. 3).

Outra iniciativa que se demonstrava promissora foi organizada pela Rede Estrado, criada em 1999, que buscava incorporar os trabalhadores e as trabalhadoras e órgãos representativos às várias etapas das pesquisas. Este esforço da Rede Estrado produziu publicações de diferentes formatos e desencadeou o surgimento de propostas como as Comunidades Ampliadas de Pesquisa, baseadas no modelo operário italiano (MOI)⁴, que buscavam promover ações sustentadas no diálogo entre saber científico e saber prático. Outro grande mérito da proposta era o de incorporar questões sobre as relações de gênero (ARAÚJO; PINHO; MASSON, 2019, p. 3-4).

As autoras sintetizam estes momentos de constituição de estudos sobre as práticas de trabalho docente nos seguintes movimentos:

- (a) o debate sobre o mundo do trabalho, envolvendo conceitos de processo, organização e gestão do trabalho nos contextos neoliberais, explorados na sociologia do trabalho; (b) a ênfase na relação entre as mudanças nas sociedades e suas pressões e demandas sobre os/as trabalhadores/as da educação, especialmente docentes - estudos oriundos do campo da educação; (c) a identificação do crescente processo de sofrimento e adoecimento docente e sua relação com o trabalho, oriunda das pesquisas de disciplinas específicas (psicologia, fonoaudiologia, fisioterapia, medicina); (d) a consolidação de um campo de práticas e conhecimento com base em proposições que, para além da abordagem das exposições ocupacionais mais tradicionais (baseada no conceito de risco), incorporaram a dinâmica das relações tecidas no mundo do trabalho, privilegiando o conceito de processo de trabalho na perspectiva da epidemiologia social latino-americana; (e) o uso de abordagens interdisciplinares; (f) a concepção de saúde como um campo de disputa, de conflito entre interesses antagônicos no mundo do trabalho. (ARAÚJO; PINHO; MASSON, 2019, p. 4).

Araújo, Pinho e Masson (2019, p. 5) analisam que

a atividade docente revela um processo marcante de intensificação do trabalho. Tal característica relaciona-se ao processo de precarização social do trabalho, que envolve precarização econômica (condições

⁴Conforme comentário sobre Oddone et al. (apud SATO, L., 1996, p. 491). o pressuposto básico do Modelo Operário é que os trabalhadores 'não deleguem' a outros aquilo que diz respeito à sua saúde e, para nortear a elaboração de pautas de reivindicação - visando a intervir sobre os riscos -, propõe uma metodologia de conhecimento desses problemas. Parte da 'subjetividade/experiência operária'; trabalha com os 'grupos homogêneos de risco', classifica os achados em 'grupos de risco' e procede à 'validação consensual'.

salariais, jornada de trabalho, contrato) e precarização das condições de trabalho (mudanças na organização e processo produtivo com o uso de novas ferramentas e modelos de gestão flexível que alteram as rotinas laborais e as formas de controle).

Nesse contexto, ocorreu uma reorganização do trabalho docente, resultando em novas formas de estruturação e desvalorização das atividades dos professores. A padronização de procedimentos e dispositivos de avaliação e controle baseados em critérios quantitativos de produtividade é predominante. Ao mesmo tempo, são fomentados processos de descrédito no desempenho docente, afetando o reconhecimento social da profissão.

Essas condições de trabalho foram descritas por Esteves (apud ARAÚJO; PINHO; MASSON, 2019, p. 5) como "mal-estar docente", que é um

um fenômeno social cujas características envolvem a desvalorização, associada ao contínuo incremento de exigências profissionais, violência e indisciplina, que produzem, por sua vez, uma crise de identidade: o/a professor/a questiona-se sobre a sua escolha profissional e o sentido da sua profissão. Como impactos dessas condições emergem esgotamento, fadiga, sofrimento e desencantamento.

Apesar da urgência do tema, os temas relacionados à saúde do professor parecem figurar apenas como questões coadjuvantes. O adoecimento é tido como um processo individual, uma inadequação ou dificuldade pessoal, e o caráter coletivo do adoecimento na atividade docente permanece um olhar a ser construído entre os próprios professores (ARAÚJO; PINHO; MASSON, 2019, p. 6).

Outro aspecto abordado no trabalho de Araújo, Pinho e Masson (2019, p. 6) é a perspectiva de gênero nos estudos sobre a saúde docente. Para as autoras, muitas análises sobre o tema têm adotado uma abordagem essencialista, universalizando os homens como a categoria de referência e não levando em conta as diferenças sociais e as estruturas de poder que moldam a divisão sexual do trabalho. As mulheres trabalhadoras enfrentam a dupla jornada, com o desempenho de trabalho profissional e trabalho doméstico, além da segregação sexual das ocupações, que resulta em desequilíbrios na distribuição de tarefas, recursos e poder. As autoras comentam estudos do IBGE que

revelam que o tempo total médio semanal (soma do tempo de trabalho remunerado e de afazeres domésticos) das mulheres superava em 7,5 horas o dos homens (53,6 horas semanais das mulheres contra 46,1

horas dos homens). Isso deve-se ao fato de não haver contrapartida, redução do tempo dedicado pelas mulheres à reprodução social (afazeres domésticos e familiares), ocorrendo apenas adição do tempo empregado no trabalho profissional àquele dedicado às atividades domésticas. Essa dupla responsabilidade exige das mulheres constante movimento para equacionar e atender adequadamente as exigências e demandas dos tempos no trabalho remunerado e na família, gerando tensão e conflito na vida das mulheres. (ARAÚJO; PINHO; MASSON, 2019, p. 6).

A análise das autoras menciona Hirata (apud ARAÚJO; PINHO; MASSON, 2019, p. 7) que afirma: “*a divisão sexual do trabalho profissional não pode mudar sem mudanças na divisão sexual do trabalho doméstico, na divisão sexual do poder e do saber na sociedade*”.

A análise destaca ainda que houve um aumento significativo na produção científica do Brasil sobre trabalho docente e saúde a partir da década dos anos 2000. Contudo, a análise das autoras se limita à produção feita entre os anos de 2006 até 2016. Elas pontuam as categorias mais abrangentes encontradas nos textos: “*promoção da saúde, políticas públicas, organização do trabalho, legislação trabalhista e aspectos teórico-metodológicos*” (ARAÚJO; PINHO; MASSON, 2019, p. 9) que segundo elas direcionam as pesquisas para

um campo coletivo de ação, envolvendo políticas públicas e leis trabalhistas, afastando-se da perspectiva apenas individual de adoecimento e retomando o debate da regulação dos ambientes escolares e de sua gestão do trabalho. Ao menos no que se refere às temáticas focalizadas nos estudos, esse avanço é nítido, embora, como destacaremos adiante, ainda com limites evidentes. (ARAÚJO; PINHO; MASSON, 2019, p. 9)

Uma das principais conclusões do estudo Araújo, Pinho e Masson (2019, p. 10) é a de que houve avanços significativos nas últimas duas décadas no campo do trabalho docente e saúde. Esses avanços incluem a ampliação das abordagens, sob “*perspectiva de produção social, redirecionando a atenção para processos coletivos, rompendo, mesmo que timidamente, com a ênfase nos indivíduos*” (ARAÚJO; PINHO; MASSON, 2019, p. 10). As autoras também destacam que

o campo parece ter perdido força na articulação com os movimentos de trabalhadores/as ou, pelo menos, que a produção vinculada a estas iniciativas não tem sido publicizada ou socializada. Não há registro dessa articulação, nem mesmo como relato de experiências. Assim, não se sabe se essas articulações persistem, se assumiram movimentos menos orgânicos ou reivindicatórios ou se perderam visibilidade. Isso representa uma perda da base histórica de

construção do campo, o que, por sua vez, pode ter implicações relevantes na sua potência transformadora. (ARAÚJO; PINHO; MASSON, 2019, p. 11)

Os estudos falham também no aprofundamento de questões relacionadas à gestão, organização e processo de trabalho. A falta de reflexões críticas sobre o campo de investigação também é apontada, com poucos estudos, apenas 4%, segundo Cortez et al. (apud ARAÚJO; PINHO; MASSON, 2019, p. 10) abordando aspectos teóricos ou metodológicos. Isso indica a necessidade de investimentos na reflexão das experiências anteriores e no desenvolvimento de marcos teórico-conceituais e metodológicos promissores.

Outra lacuna identificada é a invisibilidade das questões de gênero no debate. As poucas análises existentes ainda são embrionárias. Em geral, problematizam as assimetrias de gênero. As intervenções na organização e processo de trabalho são limitadas, com poucas experiências enfocando a saúde e o trabalho docente nos contextos escolares.

As autoras finalizam o artigo apontando espaços para desenvolvimento da pesquisa do tema da saúde docente que novamente remete à participação dos trabalhadores:

a retomada e revitalização da articulação com o movimento de professores/as. Configura-se como principal elemento para garantir uma base efetiva de superação do quadro atual. A utilização de estratégias de pesquisa que incorporem os/as trabalhadores/as nos processos de concepção, construção e desenvolvimento do conhecimento é central, não apenas por ser fundamental na abordagem teórico-metodológica, necessária à produção de saber, mas, sobretudo, pela potência transformadora que pode promover. (ARAÚJO; PINHO; MASSON, 2019, p. 10)

O trabalho que analisamos a seguir é o de Trindade, Morcef e Oliveira (2018) que é uma revisão de bibliografia acompanhada de um relato de experiência feita no município de Feira Grande no Estado de Alagoas. Os textos analisados pelos autores abordam a saúde dos professores em diferentes níveis de ensino, destacando a gravidade dos fatores de risco associados à rotina de ensino em sala de aula. Para este trabalho selecionamos partes do texto em que o autor menciona questões gerais ou específicas da educação pública em nível básico.

Os autores fazem uma breve definição da Síndrome de Burnout como

um fenômeno psicossocial apontado como um conjunto de sinais e sintomas que aparecem em forma de uma resposta crônica aos estressores interpessoais, desencadeados durante a situação de trabalho e que exercem influência sobre profissionais que mantêm uma relação direta e de forma contínua com outros indivíduos, como professores, médicos, policiais, bombeiros, *etc.*, sendo as classes dos professores e dos médicos as mais atingidas pelo grande número de casos de Síndrome de Burnout, visto a maior influência de fatores desencadeantes e de vulnerabilidade aos fenômenos estressores. (TRINDADE; MORCEF; OLIVEIRA, 2018, p. 43).

É ressaltada a sobrecarga de trabalho enfrentada pelos professores, principalmente aqueles que atuam no ensino público, que vivenciam um acúmulo de funções e responsabilidades além da sala de aula, como assessoramento psicológico dos alunos, tarefas burocráticas e participação na gestão escolar.

O trecho também aborda as queixas mais comuns dos professores: como patologias e distúrbios de voz, problemas musculoesqueléticos, questões psicossomáticas e de saúde mental, além da falta de reconhecimento e valorização do trabalho. (TRINDADE; MORCEF; OLIVEIRA, 2018, p. 44).

Trindade, Morcef e Oliveira (2018, p. 45-46), em consonância com outros autores da revisão bibliográfica deste trabalho de conclusão de curso, também aponta melhorias no que se refere à importância de pesquisas sobre o tema para produzir conhecimento e aprimorar as condições de saúde dos professores de forma geral.

Destacamos no artigo dos autores o relato de uma experiência do Seminário de Saúde Mental em comemoração ao Janeiro Branco, na cidade de Feira Grande, estado de Alagoas, que tratou da saúde mental dos profissionais docentes. No texto não há localização no tempo acerca da atividade. O debate ocorreu por meio de palestras e com intervenções musicais. No texto há poucos detalhes sobre encaminhamentos ou problematização de momentos e relatos posteriores à intervenção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura dos artigos selecionados ampara a expectativa inicial desse trabalho em torno da situação da saúde dos professores. Todos os artigos selecionados reiteram algumas questões acerca das condições de trabalho.

Dalcin e Carlotto (2018) mencionam fatores contextuais que podem afetar o bem-estar dos professores que estão fora de horizontes manejáveis na intervenção que fizeram em Porto Alegre, como baixos salários e falta de participação nas políticas e planejamento institucional.

No seu texto enumeram que professoras e professores, além de dar aulas

devem executar tarefas administrativas, lidar com a falta de interesse e a indisciplina dos alunos, a falta de estrutura e recursos, a falta de diálogo e apoio de administradores, gestores públicos e pais (CARLOTTO & PALAZZO, 2006; COSTA & ROCHA, 2013 apud DALCIN; CARLOTTO, 2018, p. 142).

As autoras também mencionam a ausência de reconhecimento social, mesmo que o trabalho dos professores vá “*além das condições e formação do profissional, o que acaba por gerar sobrecarga de papéis e de trabalho*” (DIEHL & CARLOTTO, 2014; REIS, ARAÚJO, CARVALHO, BARBALHO, & SILVA, 2006 apud DALCIN; CARLOTTO, 2018, p. 142).

O tema acerca das condições de trabalho aparece também no texto de Ferreira Costa e Pedro Silva (2019, p.5), com ênfase na sobrecarga horária como um dos motivos que causam esgotamento mental para os professores e a falta de apoio institucional e de infraestrutura nas escolas. Os autores também tratam da insatisfação dos professores em relação a aspectos como salário, interesse dos pais e alunos, materiais oferecidos pela escola, relacionamento com colegas e gestão escolar. Ressaltam também a ausência de políticas públicas para enfrentamento do problema. Na série de textos citados pelos autores, confirma-se que a escola é um ambiente que causa adoecimento.

A pesquisa de Araújo, Pinho e Masson (2019, p.2) apresenta uma compreensão das relações entre saúde e trabalho como eventos determinados por processos de trabalho específicos e influenciados por tensões sociais contínuas entre interesses sociais antagônicos. Discute-se a intensificação da atividade docente como

resultado da reorganização do trabalho e das mudanças na gestão e organização do processo produtivo.

Na lógica mercadológica predomina a padronização de procedimentos e dispositivos de avaliação e controle ancorados em critérios quantitativos de produtividade. Aliados a isso, processos de descrédito no desempenho docente são fomentados, atuando no núcleo central que é o reconhecimento social da atividade docente. (HARGREAVES apud ARAÚJO; PINHO; MASSON, 2019, p. 5).

Também mencionam a desvalorização das atividades dos professores e o impacto disso na saúde e no reconhecimento social da profissão.

O tema da saúde mental aparece em todos os trabalhos junto a outras questões mencionadas como a saúde da voz. O trabalho de Dalcin e Carlotto (2018, p.148) fala da importância da *Síndrome de Burnout* como tema de pesquisa na área da Psicologia da Saúde Ocupacional. São explicadas as quatro dimensões da síndrome: ilusão pelo trabalho, desgaste psíquico, indolência e culpa.

O texto de Ferreira Costa e Pedro Silva (2019) aborda os níveis de ansiedade, depressão e outros transtornos mentais entre os professores de ensino infantil e fundamental. Discute-se a prevalência desses problemas de saúde mental relacionando-os ao ambiente de trabalho. Na pesquisa eles identificaram graus leves de depressão, mas ressaltam que houve dificuldades metodológicas e do próprio ambiente institucional que podem desviar este resultado. Ele detalha que na intervenção houve

temor de parte dos docentes de ser punido por seus superiores, caso fossem informados a respeito do seu adoecimento psíquico. Sustentamos essa hipótese com base no depoimento dado por alguns participantes, por ocasião da devolução do questionário, quando elas manifestaram essa preocupação, mesmo tendo sido informadas de que os dados permaneceriam em sigilo. (FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2019, p.18)

O trabalho de Trindade, Morcef e Oliveira (2018) também destaca a *Síndrome de Burnout* como um fenômeno psicossocial e menciona os fatores de risco associados à rotina de ensino em sala de aula.

A pesquisa enfatiza que o

professor, destacando principalmente o que trabalha no ensino público, vivencia um acúmulo de funções e trabalho como a construção de hábitos de saúde, assessoramento psicológico dos alunos, além de tarefas burocráticas que, associadas à falta de

autonomia, infraestrutura e baixos salários, constroem uma situação de vulnerabilidade social, psicológica e biológica deste profissional. (TRINDADE; MORCEF; OLIVEIRA, 2018, p.44)

Os autores também abordam queixas comuns dos professores, como patologias e distúrbios de voz, problemas musculoesqueléticos, questões psicossomáticas e de saúde mental.

Os textos selecionados também se debruçam sobre a questão do próprio campo de estudos da saúde do professor. O texto de Ferreira Costa e Pedro Silva (2019) menciona diversas pesquisas e estudos realizados sobre a saúde mental dos professores, incluindo levantamentos feitos por sindicatos e organizações educacionais como a Apeoesp e a CNTE (FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2019, p.3). Abarca também análises de estudos realizados em outros países e pesquisas específicas que investigaram os motivos e os impactos dos problemas de saúde mental entre os professores. São enumerados os principais resultados encontrados na pesquisa dentre os quais “*a escassez de estudos científicos com o objetivo de averiguar os níveis de ansiedade e de depressão dos docentes*” (FERREIRA-COSTA; PEDRO-SILVA, 2019, p.12).

O artigo de Araújo, Pinho e Masson (2019) foi o que mais se deteve em explorar a história dos estudos sobre a saúde dos docentes. Há descrição das trajetórias iniciais das investigações sobre a saúde dos professores no Brasil que datam da década de 1990, destacando o surgimento e o desenvolvimento desses estudos ao longo do tempo. O artigo de sistematiza os principais avanços alcançados nas pesquisas sobre trabalho e saúde dos professores, bem como os desafios que ainda precisam ser enfrentados nesse campo. Destaco aqui, a partir da leitura, a própria emergência da perspectiva de gênero nos estudos. Destaca-se a dupla jornada enfrentada pelas mulheres e as desigualdades na distribuição de tarefas, recursos e poder.

O estudo de Trindade, Morcef e Oliveira (2018), por sua vez, enfatiza a importância das pesquisas sobre a saúde dos professores para produzir conhecimento e melhorar as condições de saúde desses profissionais e comentam:

É crescente, então, a necessidade de uma maior e mais detalhada compreensão do campo da saúde do professor como uma forma de contribuir na produção de melhorias nas condições de trabalho e na qualidade de vida dos professores e, conseqüentemente, no

desenvolvimento da saúde coletiva de todo o país. Tendo em vista um olhar neurodesenvolvimental, as intervenções com foco prioritário na saúde mental em escolas poderiam evitar ou até extinguir a manifestação ou, então, amenizar a intensidade das doenças mentais e alguns de seus impactos na saúde física do professor, prevenindo problemas nos níveis familiar, social e acadêmico. (TRINDADE; MORCEF; OLIVEIRA, 2018, p.45)

Dois dos artigos lidos também abordam intervenções. Dalcin e Carlotto (2018) comentam uma intervenção destinada a mitigar a Síndrome de Burnout em professoras da rede pública municipal da região metropolitana de Porto Alegre. São descritas as estratégias utilizadas durante a intervenção, como encontros presenciais, exposição teórica, atividades práticas e compartilhamento de materiais via e-mail. Como resultados as autoras concluem que houve um impacto positivo em algumas dimensões, como a ilusão pelo trabalho, o *coping* focalizado no problema e a diversidade de emoções no trabalho. Segundo as autoras

os professores aumentaram o desejo de alcançar suas metas e avaliar seu trabalho como fonte de realização, passaram a experimentar novas formas de lidar com os estressores, buscando soluções focalizadas no problema, e começaram a utilizar maior diversidade de emoções positivas no trabalho (DALCIN; CARLOTTO, 2018, p. 147).

A experiência do Seminário de Saúde Mental, descrita no trabalho de Trindade, Morcef e Oliveira (2018), em comemoração ao Janeiro Branco, realizado na cidade de Feira Grande, Alagoas não traz detalhes sobre encaminhamentos ou problematização de momentos e relatos posteriores à intervenção.

O texto de Araújo, Pinho e Masson (2019) enfatiza a importância de retomar e revitalizar a articulação entre os estudos sobre trabalho docente e o movimento de professores/as, destacando a participação dos trabalhadores nos processos de pesquisa como elemento fundamental para superar os desafios da docência. Eles concluem que emerge

um movimento relevante na compreensão dos processos de adoecimento numa perspectiva de produção social, redirecionando a atenção para processos coletivos, rompendo, mesmo que timidamente, com a ênfase nos indivíduos. Desse modo, adquirem maior potência e capacidade transformadora, posto que as medidas a serem propostas ultrapassam a perspectiva individual de ação (cuidados com a voz, postura corporal, clima organizacional ou relacional) e inclui ações coletivas como a elaboração de políticas públicas, de leis que regulem os ambientes escolares, de oferta de serviços de atenção e assistência à saúde, dentre um conjunto de outras medidas (ARAÚJO; PINHO; MASSON, 2019, p. 10).

No compilado dos textos fica, por fim, evidente que há uma ausência de articulações de longo prazo e alcance nacional para o cuidado da saúde mental dos docentes, especialmente no quesito de políticas públicas. Ferreira Costa e Pedro Silva (2019, p. 24) ressaltam a importância da criação de políticas educacionais que promovam a melhoria da saúde mental dos educadores, como o fornecimento de atendimento psicológico. Também fazem crítica às soluções meritocráticas e individualizadas para lidar com a questão, enfatizando a necessidade de considerar fatores estruturais e sociais que impactam a saúde mental dos professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura dos artigos selecionados ampara a expectativa inicial desse trabalho em torno da situação da saúde dos professores. Dalcin e Carlotto (2018) mencionam fatores contextuais que podem afetar o bem-estar dos professores que estão fora de horizontes manejáveis na intervenção que fizeram em Porto Alegre, como baixos salários e falta de participação nas políticas e planejamento institucional (DALCIN & CARLOTTO, 2018, p. 142).

No seu texto, as pesquisadoras enumeram que professoras e professores, além de dar aulas, devem executar tarefas administrativas (GIL-MONTE, CARLOTTO, & CÂMARA, 2011, apud DALCIN & CARLOTTO, 2018, p. 142), lidar com a falta de interesse e a indisciplina dos alunos, a falta de estrutura e recursos, a falta de diálogo e apoio de administradores, gestores públicos e pais (CARLOTTO & PALAZZO, 2006; COSTA & ROCHA, 2013, apud DALCIN & CARLOTTO, 2018, p. 142). As autoras também mencionam a ausência de reconhecimento social, mesmo que o trabalho dos professores vá "além das condições e formação do profissional, o que acaba por gerar sobrecarga de papéis e de trabalho" (DIEHL & CARLOTTO, 2014; REIS, ARAÚJO, CARVALHO, BARBALHO, & SILVA, 2006, apud DALCIN & CARLOTTO, 2018, p. 142).

O tema acerca das condições de trabalho aparece também no texto de Ferreira Costa e Pedro Silva (2019, p. 5), com ênfase na sobrecarga horária como um dos motivos que causam esgotamento mental para os professores e a falta de apoio institucional e de infraestrutura nas escolas. Os autores também tratam da insatisfação dos professores em relação a aspectos como salário, interesse dos pais e alunos, materiais oferecidos pela escola, relacionamento com colegas e gestão escolar. Ressaltam também a ausência de políticas públicas para enfrentamento do problema. Na série de textos citados pelos autores, confirma-se que a escola é um ambiente que causa adoecimento (FERREIRA COSTA & PEDRO SILVA, 2019).

A pesquisa de Araújo, Pinho e Masson (2019, p. 2) apresenta uma compreensão das relações entre saúde e trabalho como eventos determinados por processos de trabalho específicos e influenciados por tensões sociais contínuas entre interesses sociais antagônicos. Discute-se a intensificação da atividade docente como resultado da reorganização do trabalho e das mudanças na gestão e organização do processo produtivo. Na lógica mercadológica predomina a padronização de

procedimentos e dispositivos de avaliação e controle ancorados em critérios quantitativos de produtividade. Aliados a isso, processos de descrédito no desempenho docente são fomentados, atuando no núcleo central que é o reconhecimento social da atividade docente (HARGREAVES, apud ARAÚJO, PINHO & MASSON, 2019, p. 2). Como consequência, encontram-se professores com sintomas de estresse, depressão, ansiedade e sofrimento psíquico em geral.

O texto de Trindade, Morcef e Oliveira (2018) apresenta um evento realizado em comemoração ao Janeiro Branco, o Seminário de Saúde Mental, onde foram discutidos temas relacionados à saúde mental dos professores (TRINDADE, MORCEF & OLIVEIRA, 2018, p. 25). Embora não forneça detalhes sobre encaminhamentos ou resultados subsequentes à intervenção, a realização de eventos que promovam a conscientização e o debate sobre a saúde mental dos professores é um passo importante para iniciar a discussão e a busca por soluções. Os autores também mencionam que o evento contou com a participação de professores, gestores e pesquisadores (TRINDADE, MORCEF & OLIVEIRA, 2018, p. 26).

Concluimos esta análise bibliográfica apontando que, embora algumas intervenções específicas tenham mostrado resultados positivos, é necessário um esforço coletivo, que envolva políticas públicas abrangentes e a participação ativa dos profissionais da educação, para enfrentar os desafios e promover condições de trabalho saudáveis para os professores. A conscientização, a valorização do trabalho docente e a implementação de medidas que considerem a realidade dos professores são fundamentais nesse processo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Tânia Maria de; PINHO, Paloma de Sousa; MASSON, Maria Lucia Vaz. Trabalho e saúde de professoras e professores no Brasil: reflexões sobre trajetórias das investigações, avanços e desafios. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, 2019.

CARRANÇA, Thais. **Crise de saúde mental nas escolas: 'Alunos estão deprimidos, ansiosos, em luto e faltam psicólogos'**. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62613309>. Acesso em: 16 mar. 2022.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO. **Crise de ansiedade e depressão em professores é resultado da exploração de trabalho e da desvalorização do ensino, diz psicóloga**. 2022. Disponível em: <https://www.cnte.org.br/index.php/menu/comunicacao/posts/noticias/75180- crise-de-ansiedade-e-depressao-em-professores-e-resultado-da-exploracao-de-trabalho-e-da-desvalorizacao-do-ensino-diz-psicologa>. Acesso em: 16 mar. 2023.

CORREIA, Rui. **Professores: a Grande Depressão**. 2023. Disponível em: <https://sicnoticias.pt/pais/2023-01-14-Professores-a-Grande-Depressao-47220dfb>. Acesso em: 16 mar. 2023.

DALCIN, Larissa; CARLOTTO, Mary Sandra. Avaliação de efeito de uma intervenção para a Síndrome de Burnout em professores. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 22, p. 141-150, 2018.

DE ALMEIDA TRINDADE, Marcel; MORCERF, Cely Carlyne Pontes; DE OLIVEIRA, Marinalva Santos. Saúde mental do professor: uma revisão de literatura com relato de experiência. **Conecte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão**, v. 2, n. 4, p. 42-59, 2018.

FERREIRA-COSTA, Rodney Querino; PEDRO-SILVA, Nelson. Níveis de ansiedade e depressão entre professores do Ensino Infantil e Fundamental. **Pro-Posições**, v. 30, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004 (Coleção leitura).

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GARCIA, George. **Depressão e surtos crescem entre professores do Estado: abc teve 2 suicídios. ABC teve 2 suicídios.** 2022. Disponível em: <https://www.reporterdiario.com.br/noticia/3166619/depressao-e-surtos-crescem-entre-professores-do-estado-abc-teve-2-suicidios/>. Acesso em: 16 mar. 2023.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista katálisis**, v. 10, p. 37-45, 2007.

LUZ, Jaqueline Galleazzi da et al. Implicações do ambiente, condições e organização do trabalho na saúde do professor: uma revisão sistemática. **Ciencia & saude coletiva**, v. 24, p. 4621-4632, 2019.

LYRA, Thaís. **Pesquisa revela que saúde mental dos professores piorou em 2022: docentes e instituições buscam estratégias para driblar os impactos deixados pela pandemia de covid-19. Docentes e instituições buscam estratégias para driblar os impactos deixados pela pandemia de Covid-19.** 2022. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21359/pesquisa-revela-que-saude-mental-dos-professores-piorou-em-2022>. Acesso em: 16 mar. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento. In: **O desafio do conhecimento.** 2011. p. 269-269.

MOREIRA, Daniela Zanoni; RODRIGUES, Maria Beatriz. Saúde mental e trabalho docente. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 23, n. 3, p. 236-247, set. 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X201800030004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 01 out. 2022.

REINHOLD, Helga Hinkenickel. **O sentido da vida**: prevenção de stress e burnout do professor. 2004.

SATO, L. As implicações do conhecimento prático para a vigilância em saúde do trabalhador. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 12, n. 4, p. 489–495, out. 1996.

SILVA, Nilson Rogério; BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini; LOUREIRO, Sonia Regina. Burnout e depressão em professores do ensino fundamental: um estudo correlacional. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, 2018.

TOSTES, Maiza Vaz et al. Sofrimento mental de professores do ensino público. **Saúde em Debate**, v. 42, p. 87-99, 2018.